

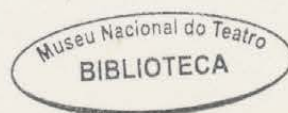
A LUA DESCONHECIDA

(Adaptação teatral da novela "A Queda
Dum Anjo" de Camilo Castelo Branco)

Miguel Rovisco

"De que desconhecida Lua choveu ouro (...)?"
Camilo C. Branco, "A Queda Dum Anjo"

1985



MNTEATRO 203347

PERSONAGENS

Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda

Teodora Barbuda

Mana Basilissa

Mana Escolástica

Velho

Mestre-Escola

Dois Lavradores

Médico

Abade

Desembargador Sarmento

Tomásia

Conde de Reguengo

Adelaide

Catarina

Marido de Catarina

Cavalheiro

Libório Meireles

Mordomo

Criadinha

Vozes no Parlamento

Portugal: aldeia de Caçarelhos e Lisboa. Segunda metade do século XIX.

PRIMEIRO ACTO

CENA I

Uma sala no solar de Caçarelhos.

Mobília escura, pesada, dando mostras de ser antiquíssima.

Pelas paredes, retratos de antepassados.

Sensação de asseio, mas também de desconforto.

De uma janela aberta de par em par vê-se uma paisagem campestre.

Sentado a um canto, um velho de aspecto muito velho: dir-se-ia estar ali desde sempre e para sempre.

Sentadas a meio da sala, Teodora Barbuda e as duas manas: Basilissa e Escolástica. A primeira vai cosendo umas peúgas enquanto a terceira, como que desmaiada, dorme roncando alto.

Durante alguns momentos ninguém fala.

Teodora (Cosendo.) Há que poupar, poupar, poupar: "Remenda o teu pano, chegar-te-á ao ano", dizia a minha santa mãe, que Deus tenha. (Pausa.) Umas peúgas quase novas, só com oito anos...

Basilissa - A dedicação com que a Sra.Fidalga remenda a roupa do Sr.Morgado é tida como exemplo na nossa aldeia e nas vizinhanças. Uma perfeição !... O Sr.Barbuda tem em si uma esposa virtuosíssima.

Teodora - Como diz o meu marido: "Os melhores enfeites de uma mulher virtuosa são as virtudes".

Basilissa - Que homem ! Que inteligência, que cultura: latim, grego... até conhece o português !

Teodora - Enquanto eu recorto o fundilho para umas ~~me~~ calças, o meu Calisto Elói lê até a noite se pôr velha: crónicas, histórias eclesiásticas, biografias de varões ilustres, legislação antiga, forais, catálogos de reis...

Basilissa - Um homem de bom sangue português !

Teodora (Para si, olhando para a peúga que está a coser.) Só oito anos, para dar e durar...

Basilissa - Os Benevides de Barbuda já eram pessoas ilustres no tempo do Sr.Rei D.Afonso I, o fundador da nossa terra de Miranda. (Pausa.) Que linda tarde ! Parece que continuamos no Verão: ah, estes ares do campo... Nunca foi à cidade, a Sra.Fidalga ? A Lisboa, talvez ?

Teodora - Não, nunca: nem eu nem o meu marido - para quê ? Dizem-me que Lisboa existe e eu acredito, eis tudo.

Basilissa (Insinuante.) Mas agora...

Teodora (Parando de coser, com um suspiro.) Agora... se é para bem do país - que eu dessas coisas não percebo. A monarquia está necessitada, ele lá vai e eu cá fico.

Pausa.

A mana Escolástica lança um ronco monumental.

Basilissa - Credo ! Ó Sra.Fidalga, a minha amiga desculpe, mas isto com a mana Escolástica não há nada a fazer: até quando vamos de visita a alguém ela adormece. Ainda ontem fomos visitar o padre pregador e vai ela adormeceu ~~em~~ em frente do homem - que não está melhor.

Teodora - Rins ?

Basilissa - Uns problemas na bexiga... coisa imprópria ! Mas com a mana Escolástica é sempre esta figura.

Teodora - Deixe-se de cerimónias, Sra.D.Basilissa. As senhoras quando aqui chegaram esta tarde também foram dar comigo a cortar couves para a comida dos patos e agora têm-me a coser peúgas. Eu faço isto porque gosto: é o dever de uma mulher, já me dizia a minha mãe e repete-me hoje o meu marido.

Basilissa - Aquilo é um homem que... que não é homem !

Teodora - Então ?

Basilissa - É um anjo !

Velho (No seu canto, num murmúrio fraco.) Novas do nascimento do terceiro filho do Sr.D.Miguel de Bragança... virá esse dia ! (Cai de novo no silêncio.)

Nova pausa.

Basilissa (Olhando pela janela.) Ah, a província portuguesa é um paraíso... as cidades, Lisboa - a perdição !

Teodora - O meu Calisto Elói...

Basilissa (Interrompendo-a, aflita.) Claro, claro, claro: Lisboa será terra de perdição para os outros homens, mas para o Sr.Morgado... ele é aquilo a que se chama um homem !

Teodora - Um anjo... que vai bater as asas ! (Pausa breve.) Foi o meu pai quem teimou que eu me casasse com um primo em segundo grau - era o Calisto. Quanto a mim, primo por primo tanto se me dava: desde que pudesse ter comigo três dúzias de galinhas e de patos que eu criara com verdadeiro amor...

Basilissa - A fidalguia lusitana !

Teodora - Depois da nossa primeira noite de casados, por volta das sete horas da manhã, já o meu marido estava a ler a "Viagem à Terra Santa" por Frei Pantaleão de Aveiro - lembro-me como se fosse hoje. E a essa mesma hora eu já andava a pé com uma vassoura de giesta a limpar ~~as~~ teias de aranha do tecto. Desde então ficaram a meu cargo os cuidados domésticos e o trato com os caseiros - que o Calisto Elói, sempre fechado na biblioteca, sempre a ler, a estudar... "Ó homem, dizia-lhe eu, ainda não acabaste de ler esses missais ?", "Isto não são livros de missa, menina" respondia-me ele.

Basilissa (Deliciada.) Parece que o estou a ouvir !

Teodora (- E continuava: "Não estejas a profanar os meus clássicos".

Ouvem-se vozes que se aproximam.

Basilissa (Escutando ~~as vozes~~ com atenção.) Oh, estou-o mesmo a ouvir !

Entra Calisto Barbuda, mais o mestre-escola e dois lavradores abastados.

Calisto (Com gravidade e sinceridade.) Os homens são sempre os mesmos, as leis devem ser sempre as mesmas. (O mestre-escola e os lavradores apoiam, abanando as cabeças.) Venere-se o passado: a moral antiga como o monumento antigo; as leis de João das Regras e de Martin de Ocem, como o Mosteiro da Batalha; as Ordenações Manuelinas, ~~as~~ como o Convento dos Jerónimos.

Mestre-Escola - Apoiado !

Lavradores 1,2 - Fala de português !

Mestre-Escola - O Sr.Fidalgo parece um alcaide do século XV levantado do jazigo de uma catedral.

Basilissa (Benzendo-se.) Benza-o Deus !

Calisto (Toma rapé, ~~o~~ levando em seguida uma mão ao peito.) Eu, Calisto Elói de Silos e Benvides de Barbuda, morgado de Agra de Freimas, sou incapaz de ir contra a marcha do progresso, desde que o progresso não me entre em casa nem me queira levar consigo.

Mestre-Escola - Portugal está salvo.

Calisto - Em minha casa sou rei e governo segundo os forais da antiga honra portuguesa.

Mestre-Escola, Lavradores 1,2 (Aplaudindo.) Viva o novo deputado ! Viva o novo representante dos ^Mirandeses !

Velho (Erguendo-se com entusiasmo insuspeitado.) Quando regressar o Sr.D.Miguel a terras de Portugal...! (Senta-se de novo.)

Mestre-Escola - Que trema agora Lisboa e o seu Parlamento: Miranda não se faz mais representar por esses poetas da capital, gente que frequenta o botequim e que recita versos ao piano.

Lavrador 1 - Desta vez elegemos um deputado à altura, pronto para esmagar o governo, guiado pela honra dos nossos avós.

Lavrador 2 - Pois se os nossos deputados, até à data, não sabiam em que ponto do mapa de Portugal ficava a terra que os elegera !

Calisto (Sensibilizado.) Amigos...

Mestre-Escola - As goelas do abismo estão escancaradas para tragarem Portugal, se os sábios e virtuosos não acudirem a salvar a Pátria moribunda. A Lisboa, a Lisboa, homens de espírito patriótico !

Teodora (Para Basilissa.) Já mandei para a capital, por um almocreve, duas cargas de livros, nenhum deles com menos de cento e cinquenta anos.

Basilissa - Do tempo das peúgas do fidalgo !

Teodora - Dois machos portadores levaram também uma carga de presunto e garrafas de vinho, para a alimentação do meu homem.

Basilissa - Um mártir !

Calisto (Solene, com gestos graves.) Portugal está alagado por uma onda de corrupção semelhante à que subverteu a Roma imperial ! Os costumes dos nossos maiores são metidos a riso - pois riam, riam: hoje rir e amanhã morrer !

Basilissa (Sem se conter de entusiasmo.) Bravo !... e a mana Escolástica que não ouve estas coisas !